

Religião na mídia: uma arqueogenealogia do discurso sobre protestantismo e catolicismo no Jornal Opção

Religion in the media: an archeogenealogy of the discourse about protestantism and catholicism in the newspaper Jornal Opção

Thiago Barbosa Soares¹

Damião Francisco Boucher²

RESUMO

O objetivo deste artigo é examinar as relações de saber-poder investidas na matéria intitulada “Evangélicos deixam o protestantismo buscam o catolicismo: um movimento em crescimento?” (Soares, 2024), publicada em 1º de novembro de 2024 no portal virtual Jornal Opção. Para tanto, mobiliza-se o reconhecido método arqueogenealógico da Análise do Discurso, por meio de alguns de seus conceitos operacionais, como as noções de formação discursiva, enunciado, dispositivo e episteme. Assim, como resultados encontrados, verificou-se que um conjunto de sentidos, como literalismo, progressismo, ruptura hermenêutica e busca por completude simbólica, é mobilizado para expressar uma associação de caráter controverso, para não dizer distinta da encontrada na ordem social acerca do tema tratado no enunciado examinado. Ademais, a análise permitiu entrever que, embora o enunciado da matéria sugerisse um deslocamento rumo ao catolicismo, os dados efetivamente apresentados apontam para o crescimento contínuo do protestantismo, sobretudo em suas vertentes conservadoras. Nesse sentido, o estudo contribui para o debate acerca de uma ‘revolução cultural’ operada midiaticamente, ao revelar como discursos podem tensionar dados empíricos e promover reconfigurações simbólicas no imaginário religioso-social.

Palavras-chave: religião; protestantismo; catolicismo; análise do discurso; arqueogenealogia.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>.

² Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professor na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Email: boucherplace@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8325-1603>.

ABSTRACT

The objective of this article is to examine the knowledge-power relationships invested in the article entitled "Evangélicos deixam o protestantismo buscam o catolicismo: um movimento em crescimento?" (Soares, 2024), published on November 1, 2024, on the Jornal Opção online portal. To this end, the recognized archaeogenealogical method of Discourse Analysis is employed, drawing on some of its key operational concepts, such as discursive formation, utterance, dispositif, and episteme. The results indicate that a set of meanings is mobilized to express a controversial — if not contradictory — association, diverging from the dominant social perception regarding the topic addressed in the analyzed statement. Furthermore, the analysis reveals that although the article's discourse suggests a shift toward Catholicism, the actual data presented point to the continued growth of Protestantism, particularly in its conservative branches. In this sense, the study contributes to the debate on a media-driven "cultural revolution" by revealing how discourse can distort empirical data and promote symbolic reconfigurations in the religious-social imaginary.

Keywords: religion; protestantism; catholicism; discourse analysis; archaeogenealogy.

1 Introdução

As produções midiáticas ganharam um papel preponderante na formatação de medos, de comportamentos e de, para simplificar, um conjunto de visões de mundo. Quando um noticiário muito conhecido apresenta uma reportagem acerca de um determinado assunto, mesmo que esse seja praticamente desconhecido por grande parte do público, o viés apresentado, na maioria dos casos, é tomado como verdadeiro ou como uma forma precisa de explicação de um fenômeno social daquela natureza. Nesse horizonte direcionado pela amplitude do alcance da mídia, Soares (2022, p. 21) assevera: “Por ter isso em vista, nos encaminhamos para uma certeza acerca da influência na expressão discursiva da mídia em seus mais variados difusores”. A esse respeito, Souza (2015, p. 249) pontua: “Como sempre foi assim, não existe padrão de comparação crítica. Nesse contexto, a ‘opinião pública’ tende a equivaler à ‘opinião que se publica’”.

Com tal perspectiva delineada pela observação crítica acerca do impacto da disseminação de informações por veículos diversos, tende-se a conceber que suas matérias, suas notícias e demais elementos associados sejam refratários das propriedades existentes no circuito coletivo. Por essa razão averiguadora, Soares (2022, p. 24) afiança que, “por compreendermos que a mídia influencia nos seus diversos segmentos, a manipulação se constitui no extremo da influência que não deve ser a regra, tampouco parece ser a exceção. No limite, é possível dizer que a mídia ‘reflete’ os jogos de poder da sociedade”. Todavia, pode-se extrair dessa constatação que existe uma doutrinação ou uma revolução cultura, como o faz Carvalho (2014, p. 153)³, ao afirmar que “a primeira etapa da doutrinação é puramente cultural, difusa, e não visa a incutir no sujeito a menor convicção política explícita, mas apenas a moldar sua cosmovisão”.

Encontra-se aí um dos perigos da verificação do poder da mídia atualmente, ou seja, de que haja um processo formativo em massa empreendido pelo conjunto hegemônico de meios de disseminação de informação, já que, nas palavras de Carvalho (2014, p. 151), “nem mesmo os próprios colaboradores mais ativos da ‘revolução cultural’ precisam ter plena consciência da finalidade a que seus atos, aparentemente inócuos [...], concorrem quando somados a milhões

³ De acordo com Carvalho (2014), é modelando gradualmente o senso comum que se pode empreender uma revolução cultural, pois, nas palavras dele, “o senso comum é um aglomerado de hábitos e expectativas, inconscientes ou semiconscientes na maior parte, que governam o dia a dia das pessoas” (Carvalho, 2014, p. 59).

de outros atos semelhantes”. Diante dessa especulação sensível e de seus efeitos para o desempenho do circuito coletivo, investigar verticalmente os procedimentos de construção e demais expedientes discursivos de constituição de notícias, de matérias, artigos de opinião, entre outros elementos, divulgados pela mídia, é uma das formas de compreender não apenas os sentidos produzidos em seu interior, mas, sobretudo, como esses participam da formatação do corpo social ou concorrem para desenhar nesse um projeto de dominância.

Com tais contornos definidos para figurar entre as linhas orientativas desta investigação, este artigo examina as relações de saber-poder⁴ investidas na matéria intitulada “Evangélicos deixam o protestantismo buscam o catolicismo: um movimento em crescimento?”⁵ (Soares, 2024), publicada em 1º de novembro de 2024 no portal virtual Jornal Opção. Para tanto, mobiliza-se o reconhecido método arqueogenealógico da Análise do Discurso, por meio de alguns de seus conceitos operacionais. Para melhor disposição do plano argumentativo-textual a ser desenvolvido, este texto é segmentado por seções, adiante designadas em negrito. **Considerações teórico-metodológicas**, nas quais são explicitadas as noções de formação discursiva, enunciado, dispositivo e episteme. **Análise: arqueogenealogia do discurso sobre protestantismo e catolicismo**, na qual os operadores mencionados são postos em marcha no processo de descrição e interpretação das relações de poder na matéria sob exame. Por fim, apresentam-se, nas **Considerações finais**, as possíveis contribuições em relação ao percurso elucidativo desenvolvido.

2 Considerações teórico-metodológicas

Como esta seção volta-se para o recenseamento do aparato conceitual arqueogenealógico a ser colocado em marcha para a descrição e interpretação verticalizadas dos fenômenos implicados ao investimento das relações de saber-poder na matéria “Evangélicos deixam o protestantismo buscam o catolicismo: um movimento em crescimento?” (Soares, 2024), expõe-se, de maneira encadeada, a caracterização das noções de formação discursiva, de enunciado, de dispositivo e de episteme, segundo a ótica a partir da qual emergem como expedientes de

⁴ De acordo com Foucault (2014, p. 31), “(...) poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”. Assim, o emprego da composição nocional poder-saber, bem como saber-poder, refere-se justamente a tal implicação direta entre um e outro.

⁵ O possível equívoco de construção encontra-se *ipsis litteris* na chamada da matéria tal como aqui se encontra descrito.

verificação de sentidos dispostos em um determinado objeto de investigação. Desse modo, cabe o devido destaque para os eventuais deslocamentos existentes entre o nascedouro do conceito, o seu emprego em outros campos disciplinares do saber e a sua aplicação neste estudo, uma vez que não se pretende, nem um estudo arqueogenealógico em Análise do Discurso hermético em seu conteúdo, nem um exame meramente de cunho repetitivo de métodos e opções.

Feitos os necessários esclarecimentos iniciais, discrimina-se o que se entende por discurso segundo a perspectiva arqueogenealógica, já que é por meio dele que se pretende examinar as relações de saber-poder na referida produção midiática. Nesse direcionamento, o discurso, principal mecanismo socializado de disseminação seletiva de sentidos (Foucault, 2009), ultrapassa o texto em seus aspectos formais de construção, não se reduzindo à fala, mas contendo-a, chegando a ser abarcado por praticamente todas as modalidades de reprodução de informações. Diante da vasta abrangência conceitual da noção de discurso, sob essa visada arqueogenealógica, Soares (2022, p. 211) pontua: “o discurso não é uma série de falsas percepções do que se pode chamar de realidade, mas, grosso modo, das interpretações segundo as quais se podem ver os fatos, a realidade, as coisas”.

Conforme apresentado, o discurso contém aspectos tanto negativos quanto positivos que o qualificam, mas carece de uma estrutura que permita sua análise com maior verticalidade. Em outros termos, pode-se caracterizar o discurso tanto por meio daquilo que não o é somente quanto por meio daquilo que o é. Ao abordar a metodologia arqueogenealógica para compreender o discurso, Foucault (2012, p. 143) afirma: “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na formação discursiva, ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (...)”. Desse modo, as noções de discurso, formação discursiva e enunciado são indissociáveis uma das outras, porquanto a própria discriminação de uma leva às outras. Assim, é conveniente iniciar o afunilamento do recenseamento pela formação discursiva, mesmo que essa não seja o primeiro operador a ser posto em marcha no procedimento interpretativo.

A formação discursiva, no interior da perspectiva arqueogenealógica, possui marcas designativas e funcionais de sua matriz epistemológica, como se poder ver em Foucault (2012, p. 88), ao descrever que “uma formação discursiva não desempenha, pois, o papel de uma figura que para o tempo e o congela por décadas ou séculos”. O mesmo autor continua para especificar a propriedade segundo a qual essa noção parte do fundamento da regularidade de elementos significativos encadeados por eventos representativos na ordem do discurso (Foucault, 2009, p.

88-89) e afirma que a formação discursiva “determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos”. Diante desse prisma, segundo o qual a formação discursiva proporciona a expressão interativa e direcionada entre sentidos circulantes no espaço social e a manifestação discursiva das próprias ocorrências do mundo, vê-se que a conceituação de formação discursiva, ao aproximar-se da de discurso, carece de uma configuração mais afunilada para, com essa propriedade particularizada, poder ser analisada.

De acordo com a propositura orientada sob os moldes arqueogenealógico, pode-se retratar a formação discursiva em sua singularidade quando seus procedimentos interiores puderem ser concebidos segundo estruturas nas quais os elementos contidos configurem um padrão. A esse respeito, Foucault (2012, p. 86-87) explica: “Uma formação discursiva será individualizada se se puder definir o sistema de formação das diferentes estratégias que nela se desenrolam”. Segundo esse traçado elucidativo, a formação discursiva compõe-se do conjunto de mecanismos que orientam os sentidos nos enunciados, de acordo com a própria perspectiva à qual está atrelada. Em outras palavras, a formação discursiva ajusta-se, além de outras características que influenciam a organização do enunciado, às relações de poder que modulam a produção dos sentidos nela entrelaçados. Portanto, a investigação da formação discursiva encontra-se atrelada à discriminação do enunciado que dela participa constitutivamente.

O enunciado, como uma categoria analítica, está distante de seu homônimo linguístico; antes, participa da composição de sentidos, que não necessariamente se encontram presentes materialmente em sua formulação, articulados à própria institucionalização desses sentidos direcionados por uma estrutura de poder (Machado, 1982). Visto que o enunciado se integra à rede de sentidos, compreendida pela formação discursiva, para receber a disposição configurativa de seu funcionamento no circuito coletivo, pode-se asseverar, como o faz Castro (2016, p. 137), que “a descrição do enunciado não é nem análise lógica, nem análise gramatical, situa-se em um nível específico de descrição”. Nesse horizonte delimitativo, Soares e Boucher (2024, p. 20) explicitam que o enunciado “só pode ser percebido, em suas fendas de sentido, segundo determinado regime de saber e suas práticas”.

Acerca do enunciado, Kremer-Marietti (1977) postula a seguinte concepção, embasada no método arqueogenealógico: “A função do enunciado – já que ele é essencialmente função – não é fazer aparecer um referente nem um sentido” (Kremer-Marietti, 1977, p. 121). Assim, mediante a tal definição verticalizada, tem-se o enunciado como uma função integrativa do

discurso, que, mobilizado por dispositivos de dispersão de sentidos, opera sua configuração de disseminador de sentidos, estruturado segundo uma formação discursiva e determinado pelas relações de saber-poder do dispositivo no qual se encontra alocado ou produzido. Quanto ao enunciado e sua apropriação, importa destacar para este estudo que a matéria “Evangélicos deixam o protestantismo buscam o catolicismo: um movimento em crescimento?” (Soares, 2024) representa o desenho objetivo do enunciado veiculado por um dispositivo midiático.

Como o enunciado, em sua constituição vinculativa, toca a configuração do dispositivo, já que este ordena e institucionaliza aquele, tem-se para a caracterização do dispositivo, segundo Foucault (2000, p. 244), o seguinte parecer: “Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos”. Em vista dessa elucidação, o dispositivo, consoante ao projeto interpretativo arqueogenealógico, refere-se às “práticas elas mesmas, atuando como um aparelho, uma ferramenta, constituindo sujeitos e os organizando” (Dreyfus; Rabinow, 1995, p. 135). Na mesma tectura teórica, Agambem (2005, p. 9) explica que o dispositivo é: “Um conjunto heterogêneo que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas, etc.”

É possível perceber, por meio do que foi dito, a capacidade associativa do dispositivo e, por meio dela, como são operados enunciados e formações discursivas para a manutenção das relações de saber-poder, além das propriedades comunicacionais implicadas em seu desempenho. Precisamente nessa toada, Soares e Boucher (2024, p. 47) deslindam tal mecanismo como: “O dispositivo, conforme seu domínio de atuação, coloca em marcha uma ou mais formações discursivas, a depender das relações de poder segundo as quais seu funcionamento dá-se no circuito social”. É justamente nesse direcionamento que Agambem (2005, p. 10) assevera: “O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve em uma relação de poder. É algo geral (“rede”) porque inclui em si a episteme”. Nesse sentido, com base no dispositivo e sua arquitetura espalhada, pode-se avançar para a delimitação da noção arqueogenealógica de episteme, que, como um grande guarda-chuva, compreende necessariamente aquele.

Quanto à episteme e sua conformação histórica, pode ser considerada um regime de saber, a partir de suas relações de poder, validado por dispositivos, formações discursivas e, conseqüentemente, enunciados. Soares (2024, p. 262), a esse respeito, afiança que: “la episteme puede ser descrita como un conjunto de creencias, cuya ocurrencia se basa en los significados estructurantes de los dispositivos que orientan las formaciones discursivas y se materializan en

los enunciados que circulam en la sociedade”⁶. Necessariamente sobre a episteme, Foucault (2007, p. 230) esclarece, explicitando que: “Numa cultura e num dado momento, nunca há mais que uma episteme, que define as condições de possibilidade de todo saber. Tanto aquele que se manifesta numa teoria quanto aquele que é silenciosamente investido numa prática”. Diante dessa propositura explicativa, pode-se sustentar que a episteme liga-se ao saber, materializado, mediante o emprego de práticas de poder, na constituição dos enunciados existentes nas diversas formações discursivas, arregimentadas pelos mais variados dispositivos.

Em vista da configuração tracejada acima, é possível postular que a episteme de uma dada época contém saberes, e suas múltiplas relações de poder implicadas, cujo desdobramento interpretativo é o quadro funcional ou a partitura do circuito social ao qual faz alusão. Dito de outra forma, a episteme, por sua complexidade inerente à performance da coletividade, trata-se da própria ancoragem heurística de sentidos vigentes, recortados segundo tempo, espaço e demais processos históricos de produção de saberes. Em função de tal saber praticável em todos os horizontes do circuito coletivo, fundamenta-se a conexão entre os elementos da comunicação e, conseqüentemente, desses com a criação dos sentidos, de modo que as formações discursivas ancoradas em sua – eis a necessidade de uso de uma expressão nietzscheana e foucaultiana precisa para esta explicação – “vontade de verdade” expressa, em maior ou menor medida, uma determinada episteme. Portanto, explicitadas as noções operacionais arqueogenealógicas eleitas para operar esta investigação, passe-se à seção seguinte.

3 Análise: arqueogenealogia do discurso sobre protestantismo e catolicismo

Nesta seção, são mobilizadas as noções anteriormente expostas para o empreendimento de uma leitura arqueogenealógica do enunciado “Evangélicos deixam o protestantismo buscam o catolicismo: um movimento em crescimento?” (Soares, 2024), publicado em 1º de novembro de 2024, no portal virtual Jornal Opção, sob o escopo de examinar as relações de saber-poder investidas em sua constituição comunicativa. No horizonte voltado ao encontro do objetivo traçado, para não haver qualquer percepção equivocada sobre o expediente investigativo do qual se lança mão para analisar tais relações no objeto eleito para este estudo, faz-se a sua exposição parcial mais abaixo. Tal procedimento visa tanto proporcionar uma leitura sintética

⁶ Em tradução livre: “a episteme pode ser descrita como um conjunto de crenças, cuja ocorrência dá-se a partir de sentidos estruturantes dos dispositivos que orientam as formações discursivas e materializam-se nos enunciados circulantes na sociedade”.

do manuscrito em questão quanto facilitar suas necessárias retomadas, quando da verificação de seus mecanismos de produção de sentido dentro do circuito social; ainda, sim, a leitura integral, disponível na página do veículo, endossa o recorte aqui trazido, porquanto não lhe invalida o processo de entendimento do enunciado.

Antes de adentrar-se a materialidade do referido enunciado, faz parte do escrutínio a verificação do dispositivo no interior do qual se engendra discursos a partir dos quais se ganha a permeabilidade do tecido coletivo; ou seja, para o objeto sob análise, o veículo de sua produção e disseminação integra seu dispositivo, como uma rede de dizeres (Foucault, 2000). Todavia, como o dispositivo Jornal Opção já foi alvo de descrição interpretativa sob os mesmos critérios arqueogenealógicos aqui pautados, cabe um breve recenseamento expositivo de seus elementos constitutivos, como os fizeram Soares e Boucher (2024, p. 49). De acordo com esses autores, quando de suas pesquisas sobre o dispositivo Jornal Opção, “o veículo possui uma estrutura predominantemente virtual nos dias de hoje; porém, quando de sua fundação, em meados de 1975, possuía uma disseminação física, como todos os materiais de natureza informativa”. Apesar de se autoproclamar como uma instância progressista no cenário midiático regional, o Jornal Opção apresenta, em muitos de seus produtos discursivos, uma ambivalência estratégica: ora reproduz pautas alinhadas à racionalidade liberal-moderada, ora ressignifica temas caros à tradição conservadora sob uma roupagem reformista. Tal configuração reforça o que Foucault (2000) designa como ‘rede de poder’, na qual o dispositivo atua, não de modo neutro, mas como partícipe ativo da disputa pelo controle das significações sociais.

Conforme o quadro de atuação do dispositivo em questão, Soares e Boucher (2024, p. 50) afirmam: “o Jornal Opção possuir projeção em um Estado no qual as redes de sentidos políticos são predominantemente estáveis desde seu surgimento, é um indício de que, em seu circuito de atuação, há o cumprimento de uma demanda”. Os autores, pautados na discriminação interpretativa do Jornal Opção, alegam que “em relação às próprias formações discursivas disseminadas em seus produtos informativos, pode-se afirmar que seu cerne é progressista, haja vista esta passagem acerca da criação do jornal em uma de suas próprias matérias” (Soares; Boucher, 2024, p. 50). Sobre a predisposição do Jornal Opção, os pesquisadores afirmam: “Como o dispositivo possui em seu nascedouro uma propensão ideológico-política, não é de se estranhar a ideia de que as formações discursivas, no interior das quais os enunciados fabricados pelo periódico, sejam guiadas pelo mesmo conjunto de preceitos” (Soares; Boucher, 2024, p. 51).

Frente ao exposto e suas implicações, tem-se que os enunciados elaborados e circulantes

neste dispositivo partilham, ainda que de maneira não absolutamente integrativa, de uma formação discursiva, que, para ser constatada, carece da necessária verificação analítica. É precisamente isso que adiante se faz e, para iniciar a conjunção explanativa entre dispositivo e enunciado, tem-se nesse último um dos principais indícios de um posicionamento político, percebido no Jornal Opção, em seu processo de formulação, alvo desta investigação. Abaixo, pode-se conferir o recorte do texto “Evangélicos deixam o protestantismo buscam o catolicismo: um movimento em crescimento?” (Soares, 2024).

**EVANGÉLICOS DEIXAM O PROTESTANTISMO BUSCAM O CATOLICISMO:
UM MOVIMENTO EM CRESCIMENTO?**

Uma reflexão sobre a busca de significado espiritual em um cenário religioso em mudança

Um fenômeno observado no Brasil começa a ganhar destaque: a conversão de evangélicos ao catolicismo. Embora não haja dados estatísticos que confirmem essa tendência, relatos individuais apontam para um número crescente de protestantes que estão adotando práticas e crenças católicas, motivados por diversas razões.

Entre as principais motivações para essa transição, destaca-se a busca por uma interpretação mais abrangente das Escrituras. Muitos evangélicos expressam a necessidade de uma compreensão que transcenda o literalismo, considerando também os aspectos simbólicos e místicos dos textos bíblicos. A tradição católica, com sua longa e rica história de exegese, apresenta-se como uma alternativa atraente para aqueles que desejam aprofundar sua compreensão espiritual.

(...)

É importante ressaltar que esse fenômeno não configura um movimento em massa. As estatísticas atuais, como apontadas pelo demógrafo José Eustáquio Diniz Alves, indicam que a população evangélica deve superar a católica nos próximos anos, com 49,9% dos brasileiros se identificando como católicos em 2022, um número que deve cair para 38,6% até 2032. Entretanto, a conversão de alguns evangélicos ao catolicismo pode refletir uma busca por uma espiritualidade mais rica e diversificada, que atenda às necessidades contemporâneas de fé (Soares, 2024).

É necessário apontar inicialmente para a constituição do enunciado acima: a formulação do título, que se encontra com uma deficiência de construção, ou por falta de uma vírgula após o sintagma protestantismo; ou por falta de uma conjunção aditiva na relação entre as duas orações integrantes da primeira parte do nome da matéria. Esse destaque mais serve ao esclarecimento do leitor do que propriamente a uma crítica ao regulamento linguístico-gramatical do texto sob exame, pois sua incidência não parece prejudicar a leitura e a apreensão dos sentidos dispostos no enunciado por seu encadeamento discursivo. Antes, tal equívoco de linguagem é índice da conjuntura atual segundo a qual os trabalhos devem ser feitos o mais rápido possível, ratificando o postulado de Han (2017) acerca da sociedade do cansaço. Todavia, a segunda parte do título, “um movimento em crescimento?”, recebe maior investimento de expressividade para a interpretação do enunciado em seu funcionamento social.

O questionamento realizado na própria chamada de uma reportagem jornalística visibiliza parte dos sentidos segundo os quais o enunciado, em sua integralidade, opera ao ancorar-se em uma formação discursiva que, a depender dos elementos contidos no interior do enunciado, configura a arquitetura do dispositivo que o produz e o dissemina. Nessa perspectiva, a indagação proposta pelo título configura um indutor de leitura, já que propõe, por meio da focalização contrastiva entre o sujeito do enunciado linguístico – evangélicos –, e o objeto buscado – catolicismo –, a permanência de uma ação presente. Por esse ângulo, a dúvida fabricada cria um efeito de realce retórico para um possível fato social mais do que evidencia uma eventual problematização acerca de sua efetiva ocorrência. Ao se verificar, no corpo da matéria, o que o título produz como sentido, vê-se que a formação discursiva progressista, em contraste com a conservadora, orienta-lhe a leitura.

No que tange ao “fenômeno observado no Brasil”, há um contrassenso em relação aos dados contabilizados por um especialista, o demógrafo José Eustáquio Diniz Alves, e a proposta do enunciado, isto é, de que evangélicos estão deixando o protestantismo para buscar o catolicismo. Esse entrelaçamento um tanto quanto dicotômico propaga, entre outros sentidos, a percepção representativa de que o evangelismo protestante perde força para o catolicismo. Dessas duas vertentes do cristianismo moderno no Brasil, a primeira, grosso modo, é identificada com o conservadorismo; e a segunda, a despeito de algumas de suas linhas, é mais alinhada ao progressismo. Eis que, mediante um simplificado delineamento dos campos religiosos abordados pelo enunciado, encontram-se os contornos da formação discursiva progressista segundo a qual a construção textual-argumentativa de sua composição aciona, por meio da contradição, o sentido de mudança de evangélico para católico.

Em vista do que foi dito acerca do enunciado sob investigação, um afunilamento da compreensão conceitual do separatismo desses dois projetos interpretativos do cristianismo justifica-se na medida que elucida tanto o posicionamento ideológico-político de cada um quanto como distancia-se um do outro por procedimentos de saber-poder. Para tanto, recorre-se à resolução da tensão no interior do cristianismo que origina o protestantismo⁷. A esse propósito, Foucault (2018. p. 146), interpretando o fenômeno da ruptura dentro do cristianismo, assevera: “O que o protestantismo fez foi libertar tanto a hermenêutica do texto quanto a hermenêutica de si. (...) libertar essas duas práticas hermenêuticas em relação à autoridade da

⁷ É possível aventar um conjunto relativamente razoável de hipóteses plausíveis para a emergência do protestantismo; entretanto, para este breve espaço e para o objetivo aqui proposto, a exposição do modo de ler a Bíblia e uma de suas consequências é o mais relevante para esta investigação arqueogenealógica.

igreja, à autoridade do ensinamento”. Grosso modo, a hermenêutica postulada por Foucault (2018) adequa-se ao exame arqueogenealógico, se tomada como projeto interpretativo. Nesse direcionamento, o desenvolvimento de um regime de saber, com base no mesmo livro sagrado, distinto do já estabelecido, fundamentou o protestantismo e as suas relações de poder.

No quadro delineado acima, encontra-se parcialmente a justificativa de o protestantismo voltar-se ao conservadorismo; e o catolicismo voltar-se ao progressismo, segundo a perspectiva na qual o primeiro movimento cristão promove um processo interpretativo do texto bíblico menos dependente das relações hierárquicas de saber-poder, em contraste com a ótica do segundo movimento cristão, que oferece um processo interpretativo do texto bíblico unificado historicamente pelas relações de saber-poder estruturantes dessa religião. Em outras palavras, o protestantismo, em muitas de suas vertentes, depende mais do aspecto literal de leitura da Bíblia, ao passo que o catolicismo, com suas várias abordagens, como o próprio enunciado sob exame diz, possui uma “compreensão que transcende o alismo”. Em virtude desses dois procedimentos de produção de saber-poder cristão, um, o protestante, é mais conservador, porque é sujeito à textualidade material; o outro, católico, é mais progressista, porque é mais propenso à simbolização e, conseqüentemente, mais adaptativo à conjuntura na qual é lido. Além desses, identificam-se também sentidos relacionados à insatisfação com o rigor exegético e à busca por uma espiritualidade integrativa, que almeja articulações simbólicas e místicas distantes do racionalismo escritural típico de muitos grupos protestantes.

A partir da mirada descritiva acima e de suas implicações à discursivização da notícia em questão, compreende-se o dispositivo midiático Jornal Opção, com sua permeabilidade virtual, de fácil acesso e grande espriamento em redes sociais, como Instagram e Facebook. Engendra, em seu conjunto de relações de saber-poder, o enunciado “Evangélicos deixam o protestantismo buscam o catolicismo: um movimento em crescimento?” (Soares, 2024). Faz isso segundo a orientação da formação discursiva progressiva, que arregimenta o enunciado para lhe compor seu corpo semiótico-argumentativo. Essa, assentada em um regime de saber-poder, remete-se a um conjunto de proposições tomadas por verdadeiras cujo núcleo é a episteme (Foucault, 2007). No enunciado sob exame, a formação discursiva progressista permite considerar a existência de um número crescente de evangélicos convertendo-se ao catolicismo, mesmo que os próprios dados trazidos em seu interior sejam divergentes de seu sentido direcionado. Esse procedimento integrante da formação discursiva progressista, que pode ser detectado em outros enunciados, integra a episteme falseada.

A episteme falseada possibilita ao conjunto de dispositivos, como o Jornal Opção, a

disseminação ratificada de enunciados cujo princípio organizador de seus sentidos é o falseamento dos elementos da realidade percebida e, conseqüentemente, a construção de sentidos validados pelas relações de saber-poder vigentes. Ora, por esse expediente projetivo, o enunciado “Evangélicos deixam o protestantismo buscam o catolicismo: um movimento em crescimento?” (Soares, 2024) não soa absurdo ou mesmo estranho, ao contrário dos próprios censos e estatísticas realizados por órgãos oficiais, como as levantadas por Ferreira (2020), mas estrutura-se na conjuntura da episteme segundo a qual o falseamento dos elementos do circuito coletivo, como católicos converterem-se mais ao protestantismo, é passível de operação discursivizada em dispositivos de grande alcance.

No horizonte tracejado pelo rastreamento da episteme falseada, alastrada pela formação discursiva progressista, compreende-se a escolha do catolicismo, e sua correspondência ideológico-política, como gesto de continuidade da própria hegemonia de tal projeto de verdade implementado por essa episteme. Por essa razão suficiente, dizer que o “catolicismo pode refletir uma busca por uma espiritualidade mais rica e diversificada, que atenda às necessidades contemporâneas de fé” (Soares, 2024) é, entre outras leituras de natureza conjuntural, um forma de fundamentar uma propaganda de uma vertente do cristianismo em detrimento de outra que, por extensão, refere-se, em boa medida, ao funcionamento político de projetos de verdade instaurados por cada uma dessas vertentes e suas relações de saber-poder. Assim, conforme explicam Soares e Boucher (2024, p.24), “percebe-se que uma episteme abarca uma série de dispositivos, nos quais se dispersam formações discursivas e seus enunciados”, como o faz a episteme falseada no objeto em análise.

4 Considerações finais

Conforme a propositura traçada para este artigo, isto é, examinar as relações de saber-poder investidas na matéria intitulada “Evangélicos deixam o protestantismo buscam o catolicismo: um movimento em crescimento?” (Soares, 2024), publicada em 1º de novembro de 2024 no portal virtual Jornal Opção, verificou-se, mediante a aplicação dos conceitos operacionais da Análise do Discurso, de base arqueogenealógica, que um conjunto de sentidos é mobilizado para expressar uma associação de caráter controverso, para não dizer distinta da encontrada na ordem social. Para além do processo descritivo e interpretativo por meio do qual se chegou à compreensão de que a religião protestante vem ganhando cada vez mais adesão, o que por si só representa um significativo empreendimento investigativo de um enunciado

veiculado por um dispositivo midiático de longo alcance, este estudo, com suas limitações contingenciais, possui capacidade de contribuir para o debate acerca de uma “revolução cultural” (Carvalho, 2014).

Na toada de um entendimento mais aprofundado sobre o funcionamento dos saberes difundidos e suas relações de poder, constatou-se que o dispositivo Jornal Opção, por meio de um de seus enunciados, torna uma formação discursiva progressista uma de suas constantes (Soares; Boucher, 2024) no que tange à produção de sentidos delineados por uma orientação específica de leitura. Desse modo, um rastreamento arqueogenealógico, compreendido pela arquitetura examinadora do enunciado, da formação discursiva, do dispositivo e da episteme, foi eficiente em demonstrar como a episteme falseada é responsável, tanto pela apropriação de um dispositivo midiático, quanto por uma validação social de um enunciado eivado de contradições internas e externas, derivadas de sua formação discursiva progressista. Com isso no horizonte ilativo, pode-se afirmar que existem saberes que formatam a realidade das relações de poder.

Portanto, a consecução do objetivo não foi apenas alcançada, mas também este artigo obteve algum êxito em proceder, ainda que de maneira secundária, à apreensão do que é intitulado de “revolução cultural” por meios de comunicação massivos. Em vista de tal percepção aprofundada com esta investigação, é possível asseverar que o regime de verdades vigente (Foucault, 2007), instituído por uma episteme – tenha essa a nomeação que lhe seja dada, ou seja, independentemente do qualificativo que essa receba – dominante, construída historicamente como tal, viceja em muitos veículos de informação consolidando a própria episteme, como foi visto aqui. Nesse direcionamento, constatou-se metonimicamente que as produções midiáticas, não sem auxílio de outros dispositivos existentes no circuito coletivo, podem gradualmente substituir a verificação de dados oferecidos, tanto pela própria experiência quanto por instrumentos de aferição de constituintes da realidade empírica, para, assim, dirigirem a consciência de quem lhes tome por imparciais ou mesmo meros instrumentos de informação.

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, G. O que é um dispositivo? **Outra Travessia**, n. 5, Santa Catarina, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>. Acesso em: 13 de fev. 2024.

CARVALHO, O. **A nova era e a revolução cultural**: Fritjof Capra e Antonio Gramsci. 4 ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2014.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**. Trad. de Ingrid Müller Xavier. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FERREIRA, G. K. M.. Estrabismo acadêmico: notas sobre evangélicos e antropologia da religião. **Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, 7 (1), 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/reia/article/view/247340>. Acesso em: 14 nov. 2024.

FOUCAULT, M. Sobre a História da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243-27.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Salma Tannus Muchail. 9 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, M. **Malfazer, dizer verdadeiro**: função da confissão em juízo – Curso em Louvain, 1981. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2018.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KREMER-MARIETTI, A. **Introdução ao pensamento de Michel Foucault**. Trad. César Augusto Chaves Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

MACHADO, R. **Ciência e Saber – A Trajetória da Arqueologia de Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

SOARES, G. Evangélicos deixam o protestantismo buscam o catolicismo: um movimento em crescimento? **Jornal Opção**. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/evangelicos-deixam-o-protestantismo-buscam-o-catolicismo-um-movimento-em-crescimento-653024/>. Acesso em 10 nov. 2024.

SOARES, T. B.; BOUCHER, D. F. **Projeções discursivas do Norte**: efeitos de resistência, conscientização e consolidação identitária do Tocantins. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024.

SOARES, T. B. **Percurso Discursivo**: heterogeneidades epistemológicas aplicadas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SOARES, T. B. Un análisis arqueogenealógico de los establecimientos religiosos en Tocantins. **Ciência & Trópico**, [S. l.], v. 48, n. 1, 2024. DOI: 10.33148/CETROPv48n1(2024)2251. Disponível em: <https://fundaj.emnuvens.com.br/CIC/article/view/2251>. Acesso em: 12 nov. 2024.

SOUZA, J. **A tolice da inteligência brasileira**: ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: LeYa, 2015.

Recebido em: **14/11/2024**

Aprovado em: **24/07/2025**